



DL-01

Ses. Esp. 21/11/13

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a sessão especial em comemoração ao Dia Nacional da Consciência Negra.

Convido para compor a Mesa o Sr. Secretário de Promoção da Igualdade Racial, Elias Sampaio; nesse ato representando o governador do Estado, Jaques Wagner; o Sr. Subsecretário Reginaldo Silva, representante do Secretário de Justiça, Cidadania e Direitos Humanos, Almiro Sena; convido a Sr^a Sueli Santos, representando o Movimento Negro Unificado; convido a Sr^a Letícia Silva, representando a presidente da Associação das Baianas de Acarajé, Mingau, Receptivos da Bahia; convido para compor a nossa Mesa, Mãe Nina de Oxun, representando Camaçari; convido a Sr^a Mãe Raidalva, representando Simões Filho; convido representando o gabinete do deputado Marcelino Galo, Ana Torquato.

Uma boa-tarde a todas e todos, nesse momento convido a todos para assistirem a uma apresentação musical da nossa jovem Graça Onasilê, que vai nos presentear com voz, percussão e também com dança.

(Apresentação musical.)



7705-III

Ses. Esp. 21/11/13

Or. Bira Corôa

Dia da Consciência Negra.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Quero convidar para compor a nossa Mesa, o Sr. Secretário de Promoção da Igualdade Racial, da cidade de Cruz das Almas, Sr. Roberto Câmara.

Vou fazer aqui uma breve abertura. Primeiro, agradecendo a presença de todos, mas limitando-me a não citar de novo todas as representações da Mesa, até pelo tempo, e ao mesmo tempo contemplando, destacando e agradecendo pelas presenças, em nome do secretário Elias Sampaio, quero saudar toda a Mesa.

Senhoras e senhores presentes nesse evento, falar sobre a participação da mulher na história não é tarefa muito fácil. No que diz respeito à participação das “mulheres negras nesse processo é muito mais difícil ainda.

Não é verdade que elas tenham deixado de participar de nosso processo histórico. Pelo contrário, todos nós sabemos da participação da mulher em todas as etapas da história do Brasil. Sabemos que a história se faz no cotidiano com a participação de homens e mulheres, cada um desempenhando os seus mais variados papéis.

O movimento negro, em face da historiografia brasileira, quase sempre, representa a população negra como escrava ou as mulheres negras, apenas, como amas de leite e mucamas. Este mesmo movimento teve a necessidade de demonstrar que, também, os negros e as negras foram heróis e heroínas que lutaram para conquistar a liberdade e chegarmos ao tempo contemporâneo.

Nesse contexto, emergiu a figura de Zumbi, um dos principais líderes do Quilombo de Palmares, assassinado pelas tropas coloniais em 20 de novembro de 1695...”

Reporto-me para retomar a necessidade da luta que os movimentos tiveram de buscar, entre nós, um herói negro para contradizer a história imposta a toda a nossa sociedade de heróis brancos. Foi necessário reafirmar não apenas uma data, o dia 20, mas



introduzir, nesta data, um contexto de luta como elemento de transformação e de construção de uma sociedade que todos nós acreditamos.

“(…) Zumbi se apresentou, para o movimento negro, como o herói que simbolizava toda a história de luta e de resistência do povo negro no Brasil. Mas esse herói poderia ter sido também uma heroína, assim como poderia ter sido um outro herói como Ganga-Zumba, Akotirene...” Ou Dandara, entre outros e outras que perduraram e perfuraram as trincheiras da resistência e fincaram um esteio de resistência que nos permite celebrar hoje.

“(…) Sabemos que os diversos mocambos, que faziam parte da República de Palmares, não foram liderados apenas por Zumbi e Ganga-Zumba. Temos notícia da participação de diversas mulheres, algumas anônimas e outras não, que lideraram em Palmares por dezenas de anos....”

Esta luta nos permite assumir, hoje, a nossa real identidade.

Temos, como exemplo, Dandara, Akotirene, entre outras que poderíamos estar listando. Akotirene se destaca antes de Ganga-Zumba e antes de Zumbi como precursora da resistência e da luta, como a grande matriarca que foi não apenas na condução dirigente do quilombo, mas também de reger e elaborar as estratégias das lutas, de perfilar as tropas e assegurar a resistência do quilombo.

Dandara, além de conduzir as ações dirigentes do quilombo, teve a capacidade e a disposição para fazer frente e reagir contra um “Tratado de Paz” – entre aspas – assinado por Ganga-Zumba: contestar, inclusive, esse tratado e reafirmar a resistência do quilombo. Então, são ações que, no processo, trabalhamos pouco.

“(…) A nossa intenção com esta sessão especial é celebrar os nossos antepassados que lutaram pela nossa dignidade. Sabemos da importância dessas mulheres. O Movimento Negro, de maneira justa, há décadas, homenageia Zumbi.

Mas também precisamos homenagear as mulheres que, ontem e hoje, fizeram e fazem a nossa história.



A nossa homenagem é para Acotirene, Dandara, Aqualtune e para centenas e milhares de mulheres que viveram e lutaram em Palmares, e a nossa historiografia machista não as registrou.

A nossa homenagem também é para dezenas e centenas de mulheres da atualidade que, assim como nossas heroínas do passado, lutam por uma sociedade mais humana, justa, fraterna e com mais participação política feminina.

É tão importante essa sessão especial ao destacarmos, ao longo deste mês inteiro, com uma homenagem no *facebook*, dezenas, centenas de mulheres que vêm na atualidade repetindo as ações que as mulheres desenvolveram na República de Palmares, como afirmação de que Palmares vive, mesmo pós vida de Zumbi e de todos os nosso heróis e heroínas que configuraram a resistência em Palmares, e em todos os quilombos, reafirmando às mulheres, e também aos homens que, ainda hoje, em pleno século XX, nos quilombos urbanos ou no seio das comunidades tradicionais e dos povos, ainda fazem a resistência, que ainda mantêm viva o sonho de liberdade e acima de tudo o direito de igualdade.

Por isso, quero saudar a todos e a todas, e reafirmar que o tema da sessão especial deste ano, nas celebrações do 20 de novembro, não poderia ser diferente, não poderia deixar de retratar as mulheres que fizeram e fazem a República dos Palmares de ontem e a república dos Palmares de hoje.

Uma boa tarde. Obrigado a todos. (Palmas.)

Que esta sessão seja mais uma atividade no curso desta Casa mas, acima de tudo, na afirmação das nossas lutas.

Vou, mais uma vez, abusar e contemplar os nossos ouvidos com graça.

(Apresentação musical e de dança.)

(Não foi revisto pelo orador.)



7706-III

Ses. Esp. 21/11/13

Or^a Lindinalva de Paula

Dia da Consciência Negra.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Convido para compor a Mesa a Sr^a Presidente da Comissão de Igualdade Racial da OAB, Patrícia Lima.

Com a palavra Lindinalva de Paula para proferir sua palestra.

A Sr^a LINDINALVA DE PAULA:- Por causa de Graça, preciso controlar a emoção. Estou cansada, mas firme, porque a mulher negra não foge da luta e da batalha, nunca.

Saúdo a Mesa na pessoa do meu deputado Bira Corôa, primeiro pelo papel importante que desempenha na Assembleia, segundo por permitir que pautas e agendas como a da mulher negra sejam discutidas nesta Casa.

Saúdo também Mãe Lia, Mãe Raildalva e Sueli, que é minha referência porque, ao chegar ao movimento, foi ela que me abraçou e cuidou de mim. O movimento não é diferente da iniciação no candomblé. Sempre alguém nos acolhe, cuida e orienta os nossos caminhos. Assim era a militância e é assim que a militância deve ser. Não vou dizer há quantos anos porque não é pertinente.

Saúdo a Plenária saudando a minha ancestralidade, a nossa ancestralidade. Nesta Assembleia hoje saudar a ancestralidade é saudar, especialmente, os nossos antepassados, mulheres negras não diferentes destas que estão aqui na Plenária e na Mesa, mas mulheres negras que têm história: história de luta, história de vida, história de resistência, história de superação. Então saúdo todas as mulheres desta Plenária que têm esse histórico. (Palmas!)

Cada uma no seu canto, cada uma no seu lugar, mas nenhuma menos importante do que a outra, cada uma construindo e dando sequência àquilo que a Acotirene começou em Palmares. A partir daí, inicio realmente a minha fala. Falar das mulheres da República de Palmares é falar das mulheres do Estado da Bahia, das mulheres que estão nesta plenária e das mulheres que estão nessa Mesa.



É estranho estar aqui em cima falando para vocês, pois muitas são companheiras minhas do dia a dia. Mas quando pensamos nesse tema, temos de parabenizar o pai da criança, Antônio Cosme, que sugeriu que nesta sessão trouxéssemos, discutíssemos e dêssemos visibilidade às mulheres na República de Palmares. Se falar de negro nesta sociedade é extremamente difícil, falar de mulheres é mais difícil ainda. E resgatar e falar de nós, mulheres negras, do nosso papel e da nossa importância na construção e história desta cidade, é mais difícil ainda.

Estamos aqui a celebrar o 20 de Novembro, que foi ontem, e para dizer que no 20 de Novembro temos de também levar para as ruas, para as nossas discussões, essas mulheres tão fortes e tão poderosas que construíram não só o Quilombo de Palmares, mas, todos os quilombos, todas as revoltas, toda a resistência do povo negro. Hoje, neste momento, ser porta-voz de tantas lideranças, ser porta-voz das demandas das mulheres em Salvador e no Estado da Bahia, que representam, sim, as mulheres na República de Palmares do Estado da Bahia, é extremamente gratificante, é dizer que estamos seguindo com passos firmes e fortes. É isso que somos: mulheres firmes e fortes, porque temos ancestralidade, temos um passado de história e um passado em que as mulheres negras fizeram e fazem a diferença.

Então, hoje, aqui, é nada mais nada menos do que saudar Raimunda, do subúrbio, nada mais nada menos do que abraçar Ana e Luciana, de São Francisco do Conde. Essas mulheres são anônimas e desconhecidas, mas trazem na sua trajetória de vida, no seu arcabouço, tudo aquilo que estamos o dia todo comemorando e tudo aquilo que representa o 20 de Novembro.

O que seria o 20 de Novembro sem a presença e sem a história das mulheres negras? O que seria a história da Bahia e o que seria dos quilombos, o que seria da nossa identidade de povo negro, de comunidade negra, sem a presença determinante das mulheres negras, que ensinam no seu cotidiano, na labuta do dia a dia, o que é dar continuidade às nossas ancestrais?

Dessa forma, falar de Acotirene, Aqualtune, Dandara, das mulheres presentes e determinadas, que contribuíram na política da República de Palmares, é falar com carinho de



mãe Raidalva, é trazer à tona as ialorixás. Não é muito diferente quando elas reinventam em pleno século XIX, reconstroem a nossa ancestralidade, criando e trazendo para dentro e para muito perto, recriando a nossa religião.

Falar de mulheres na República é dizer que elas, como as ialorixás, aqui representadas por Mãe Lia, Mãe Raidalva, Mãe Estelita de Oyá... vida nova, mãe-pequena kiazala, as ekedis...

Fica extremamente difícil, complicado e emocionante estarmos aqui, falando, e vai-se envolvendo, mas não paramos por aí. A gente respira, refaz-se e continua firme e forte. Minha palavra, o meu tom de voz pode até tombear, isso faz parte da minha história enquanto mulher preta, mas a gente se recompõe muito rapidamente. Porque isso só nós sabemos fazer, recompor-se a cada momento e a cada tropeço. Aí, dou uma respirada muito forte e, muito tranquila.

Digo assim: se é para falar de mulheres da República de Palmares tenho que estar resgatando, resgatando, resgatando, porque tudo isso contribui para a minha identidade, contribuiu para a nossa identidade e, principalmente, para a formação do povo brasileiro.

Falar de mulheres é falar das quituteiras, mulheres alforriadas e escravas que assumiam as ruas da cidade de Salvador vendendo quitutes para angariar fundos, angariar recursos para conseguir a alforria de mulheres e de homens. O que podemos dizer? Que essas mulheres foram as precursoras, talvez, da caderneta de poupança. Ensinarão-nos que, ao se guardar um pouquinho, a gente compra alguma coisa lá na frente. E essas mulheres nas ruas de Salvador, onde o segmento de mulheres estava totalmente desprotegido, além de sustentarem e de trazerem o dinheiro tinham um outro comportamento, que era guardar para conseguir a alforria.

E seguindo esse exemplo, hoje, nós não temos diferença quando andamos pela Cidade de Salvador no final da tarde e sentimos um aroma delicioso do dendê: nada mais do que as remanescentes quituteiras, as baianas. E eu saúdo a coordenadora da ABAN de Santo Antônio de Jesus, Letícia, que dá continuidade ao que as quituteiras começaram.



Então, falar de nós é dizer que nós, mulheres negras, não começamos do zero. Todas nós aqui temos a nossa história, porque estamos aqui fazendo, nada mais, nada menos do que dar continuidade ao que essas mulheres anônimas fizeram. Porque falei aqui só de Dandara, Akotirene e Akualtune, do Quilombo dos Palmares. E as outras? E as dezenas, centenas, milhares de mulheres espalhadas em cada canto, lutando por políticas de promoção à igualdade, seja Ana, pescadora do São Francisco do Conde; seja Rose, no quilombo do Rio dos Macacos, seja Marli, na Secretaria da Educação, seja Sueli na UFBA; seja kiazala, cordoaria, sejam as nossas companheiras.

É só uma chamada para percebermos o quanto somos importantes e o quanto temos com relação à nossa ancestralidade, com relação ao nosso papel, o que temos e o que nós devemos... Aliás, temos muito. E seguimos com passos firmes, porque também a gente olha para esta plenária e vê jovens que talvez pela primeira vez tenham escutado os nomes de Dandara, de Akotirene, porque na escola só chegou até eles e elas o de Zumbi de Palmares.

Mas é importante para nós, é o nosso papel enquanto mulheres negras, cada uma no nosso cantinho, cada uma fazendo um papel que faz uma diferença enorme, qualquer mulher dessa plenária faz uma diferença enorme dentro da sua comunidade, dentro da escola de samba, dentro do terreiro, dentro do quilombo, dentro da associação, dentro da Assembleia Legislativa, Lindinalva, na Torquato.

Sabemos a diferença que provocamos nesta Casa quando a gente caminha naturalmente com a minha roupa, que não é estilosa, mas que traz em cada traço, em cada linha um pouco de Dandara, de Akotirene, muito de Simone, na educação, muito de todos e de todas. No Novembro Negro não podemos permitir tirar aquilo que é nosso; não temos Novembro Azul, mas temos o Novembro Negro. (Palmas.)

Que este Novembro Negro é bom a gente firmar, porque quando a gente fala e repete, e repete, isso fica, principalmente para a nossa juventude. E é responsabilidade nossa, mulheres negras, porque sabemos o que é isso. Somos mãe, tia, cuidadora não só dos nossos



filhos, mas da nossa comunidade, porque assim é que é uma comunidade periférica: todos tomam conta de todos.

Então, que esse Novembro Negro seja o pontapé especial para que nos próximos novembros a gente traga e dê visibilidade às mulheres que construíram e constroem a história não só de Palmares, mas de Salvador e de todo o Estado da Bahia.

Muito obrigada e boa-tarde. (Palmas.)

(Não foi revisto pela oradora.)



DL-02

Ses. Esp. 21/11/13

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Quero aproveitar para citar algumas presenças, vamos citando ao longo do processo: Ailton Ferreira, superintendente de Direitos Humanos da Secretaria da Justiça e Direitos Humanos da Bahia. Mais uma vez, Ailton, destaco a parceria e a cumplicidade que você tem não apenas com essa comissão e com os trabalhos nesta Casa, mas com a nossa luta; Pedro França, diretor do Sindicato dos Ferroviários, seção Bahia; Glauber, diretor da Associação de Moradores de Ilha de São João, em Simões Filho; Virgínia Nunes, da Liga Brasileira de Lésbicas e do Conselho Estadual da Mulher; Jefferson Silva, coordenador da Juventude e Comunicação do Coletivo Kizomba; Edmilson de Souza, do Terreiro Unzu Gunzu Katu Lembalecê. (Palmas.)

Também estão aqui Ednielson Ferreira, ex-candidato a deputado federal; Ismael Silva, do Movimento Negro, de Salvador; Iracema Neves, do Afoxé Kambalagwanze; Mel Neves e Mau do Samba; nossa porta-estandarte sempre presente às nossas atividades, que tem reafirmado uma tradição na Bahia, uma tradição brasileira, que é a de porta-bandeira. (Palmas.) Mais tarde, no segundo bloco, vamos citar outras presenças.

Neste momento, vamos passar um vídeo em que são destacadas algumas homenageadas. Durante todo o mês de novembro, temos homenageado diversas mulheres da atual República de Palmares em nossa página no *Facebook*.

Vamos passar, então, um vídeo com as nossas reais representantes e, por que não dizer, nossas heroínas dos nossos dias.

(Apresentação de vídeo.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Antes do término desta sessão especial, aproveitamos para convidar todas as mulheres presentes ou representadas que nos permitiram abusar de suas imagens durante as nossas celebrações do nosso Novembro Negro para que, ao final, venham à frente para completar as nossas homenagens.



Aproveito para agradecer, não pela presença, mas pela firmeza das lutas, pelo papel e pela contribuição que têm dado às diversas gerações e pelo marco que deixará como ensinamento e conquistas para as gerações futuras.

Fugindo um pouquinho às formalidades, porque o horário está um pouco esticado, quero aproveitar para comunicar que a secretária de Políticas para as Mulheres, Vera Lúcia, nossa tão conhecida Lucinha, esteve presente, pois chegou aqui às 14h e ficou até um pouco antes de iniciarmos a atividade. Ela comunicou anteriormente o compromisso já agendado para às 16h e precisou sair antes de começar esta atividade. Quero, apenas, fazer este registro, pois a secretária Vera assim como o governo deste estado têm sido presentes e parceiros de nossas lutas.

Quebrando um pouco o protocolo, registro, também, a presença de Elias Oliveira Sampaio da Secretaria da Promoção de Igualdade Racial, pois ele, também, tem um compromisso em Costa do Sauípe. Sei que o deslocamento não é muito fácil daqui até lá. Vou abrir espaço para ele fazer o seu discurso, uma vez que ele permanecerá por mais alguns dois ou três pronunciamentos e, depois, precisará se retirar.

Para não falar e ter de sair logo, sugiro fazer a sua fala neste exato momento.



7707-III

Ses. Esp. 21/11/13

Or. Elias Sampaio

Dia da Consciência Negra.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Com a palavra o Sr. Elias Sampaio.

O Sr. ELIAS SAMPAIO:- Boa-tarde a todas. Vocês vão me perdoar, porque não vou falar a todos hoje. Aproveitando a homenagem que o deputado Bira Corôa está fazendo, vamos ficar no boa-tarde a todas. Apenas e além disso, aproveito, também, não só a participação, mas a importância de um segmento, vamos dizer assim, de mulheres que têm transformado o Brasil e a nossa vida, em particular.

Em relação a todas as mães de santo, representantes de religiões de matriz africana, afirmo que essas mulheres foram as primeiras que deram o norte e o sul, dependendo de onde estivermos olhando, para chegarmos até aqui. Por isso, quero saudá-las em nome de Mãe Raidalva e, ao mesmo tempo, dar os parabéns e uma saudação a todas vocês.

Quero saudar especialmente o deputado Bira Corôa, proponente deste evento, mais uma vez, porque não lembro, pelo menos aqui eu tenho, acho que uns quatro anos que nesse período estamos juntos, e queria parabenizar, mais uma vez, Bira pela proposição desta sessão especial.

Quero, também, saudar o deputado Álvaro Gomes; Mãe Lia; também, meu colega de governo, Reginaldo, chefe de gabinete da Secretaria da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos; saudar e dar um abraço bem forte em nossa querida Sueli, amiga de muito tempo, batalhadora, lutadora.

Saúdo, também, Letícia, ao dar um forte abraço para outro ícone da nossa cultura e da nossa luta que são as baianas de acarajé, pois nós precisamos muito de vocês e não apenas nos lugares em que as pessoas queiram que vocês estejam, mas nós precisamos de vocês em todos os lugares, porque a cidade de Salvador e a Bahia são de vocês. (Palmas)



Quero, também, dar um abraço fortíssimo em minha companheira de luta do Partido dos Trabalhadores, militante, guerreira, Ana Torquato (palmas) e dar, também, um abraço em nosso companheiro Roberto, de Cruz das Almas, grande parceiro nosso e que, lá, desenvolve várias atividades correlatas ao que a gente vem desenvolvendo no governo do estado.

Na plateia tem um monte de gente que eu teria que fazer referência, então eu queria que todos e todas se sentissem saudados e saudadas para que, então, a gente faça a minha fala.

Eu vou ser econômico na minha fala hoje, porque eu acho, deputado Bira Corôa, que o fato dessa sessão trazer para o debate ou, pelo menos, chamar a atenção para o debate a participação feminina, como você está chamando, as mulheres da República de Palmares, eu acho que isso traz um elemento que nós estamos precisando. E aí quando eu digo nós, eu digo todos nós que estamos aqui, mas nós que estamos na institucionalidade precisamos começar a bater nessa tecla com mais força.

Eu estava conversando com alguém, não lembro agora quem, e a pessoa falava dessa questão do porquê no dia 20 fazer as celebrações relacionadas a Zumbi dos Palmares e ao Dia da Consciência Negra. Aí eu lembrei a essa pessoa que quem milita no movimento negro, quem milita nas políticas de promoção da igualdade racial, o dia 20 é apenas uma referência. Nós não tiramos o dia 20 para fazer aquele dia, fazer aquelas homenagens e depois todo mundo volta para casa, cruza seus braços e vão tocar as suas vidas, não. Nós fazemos a disputa e a discussão sobre a necessidade de combate ao racismo e todas as formas de intolerância todos os dias. No entanto, o dia 20, que para nós não é só o 20, é a semana do 20, é o mês de novembro, que no Estado da Bahia o governo, atendendo à demanda dos movimentos sociais e do movimento negro em particular, tem o novembro negro, que é a data institucionalizada para que a gente discuta essa questão, e também não é só o novembro, porque nós temos outras datas, outras referências, mas, diariamente nós fazemos esse debate.



Eu, pessoalmente, posso falar, a cavaleiro, que do ponto de vista do governo do Estado eu sou o mais longo Secretário de Promoção da Igualdade, porque tanto Luiz Alberto quanto Luiza Bairros só ficaram menos de dois anos, eu tenho dois anos e seis meses. E posso dizer que tanto na gestão deles quanto na minha nós passamos 7 anos discutindo essa questão.

Mas, a referência do dia 20, e aí eu vejo que tem alguns alunos aqui presentes, ela é importante não apenas para a lembrança de Zumbi dos Palmares, porque quando nós fazemos a referência de Zumbi nós não estamos apenas querendo homenagear um herói, um guerreiro ou uma referência do passado. Não é isso, não é isso! Nós estamos querendo dizer que o legado de Zumbi dos Palmares não ficou no passado, que nós temos que construir, diuturnamente, tudo aquilo que foi proposto e foi lutado naquela época. Porque eu acho que há uma coisa, e essa sessão aqui, para mim ela chama a atenção nesse sentido, é que nós temos que fazer um divisor de águas no debate sobre as questões raciais no Brasil.

Eu já tenho algum tempo que estou batendo nessa tecla e acho que a gente tem, sempre que tiver a oportunidade, colocar essa questão. E eu vou dizer o que é que é. Eu acho, deputado Bira Corôa, que nós já devemos sair da discussão, reparação e inclusão apenas. Nós temos que falar em reparação todos os dias, nós temos que falar em inclusão racial todos os dias, nós temos que falar em combate ao racismo todos os dias, porque enquanto tivermos um homem e uma mulher negra numa situação de desvantagem política, econômica e social nós temos que fazer isso.

É por isso que a gente caminha no dia 20, é por isso que a gente faz sessão especial aqui, é por isso que nós caminhamos nas marchas contra a intolerância religiosa, é por isso que nós passamos o ano inteiro trazendo referências a essa luta. Sabem por quê? Porque nós estamos construindo uma nova história para o país. Nós não vamos falar mais de reparação e inclusão, nós agora temos que falar, e nós, da institucionalidade, temos essa obrigação, de como construir políticas hegemônicas para a maioria do povo brasileiro, que é o povo negro.



Nós não podemos mais nos colocar como sendo uma minoria da sociedade e não podemos pensar mais nas políticas dessa forma.

Então o que queria trazer para cá é que, se tivermos dez sessões especiais durante o ano, durante o mês, durante a semana, vamos ter assuntos para tratar relacionados às questões raciais que são pertinentes ao debate. Portanto, falamos muito da questão racial porque, enquanto ela não for o centro do debate das políticas públicas em todas as instâncias do governo, em todas as áreas setoriais do governo, não podemos descansar.

Na verdade, a mensagem que estou querendo trazer é que nós que militamos nesta área temos de começar a fazer o debate sobre como sermos hegemônicos nas políticas públicas e como todas as áreas de governo têm de trazer para a centralidade do debate a questão da igualdade racial. Nem sequer podemos mais pensar apenas na transversalidade. Nós temos de pensar nas políticas públicas de promoção da igualdade como políticas e princípios centrais da gestão pública.

Eu estive esta semana em Camaçari e queria parabenizar a iniciativa dos companheiros e companheiras daquele município para assinar o protocolo de intenção, Sueli, sobre a questão do racismo institucional. Aquela história que começamos aqui, junto com o Movimento Negro no Brasil inteiro há 10 anos, porque foi exatamente em 2003 que conseguimos publicar nacionalmente os primeiros debates sobre a questão da necessidade da implantação dum programa contra o racismo institucional.

E na oportunidade eu lembrava lá que, quando fizemos aquilo, não havia Seppir, não havia Sepromi, não havia Semur, não havia na Bahia Secretaria de Políticas para as Mulheres. Eu acho que também não havia a sua secretaria, Roberto, lá em Cruz, nem havia a nossa coordenação em Santo Antônio de Jesus, porque na verdade foi a partir de 2003 que esses organismos mais robustos de política pública começaram a surgir, a despeito de já termos a Palmares e o CDCN. Mas, do ponto de vista dos organismos executivos, eles começaram a surgir após esses debates que começaram a acontecer aqui na Bahia, no Centro de Treinamento de Líderes Antonio Borges, em 2001, antes inclusive da Conferência de Durban.



Então, deputado, estou querendo é chamar atenção de que para nós é de extrema importância que, além da reparação e da inclusão social que são necessárias, tragamos ao debate a necessidade de termos as políticas afirmativas e de promoção da igualdade racial como eixos estruturantes não só da transversalidade do governo, mas também de todas as áreas dele.

Foi por isso que, ontem pela manhã, fiz questão de ir à emissão de posse da Comunidade de Dandara, que depois de muito tempo vai ter reconhecida a sua territorialidade. É também por essa razão que no ano 20 do nosso movimento a gente continuará fazendo questão de estar nas caminhadas.

Então, queria deixar minha saudação e chamar atenção para esta necessidade que hoje vejo com muita força: mais do que a de nós fazermos, a de nos sentirmos protagonistas de todo um debate que está presente não só no Executivo, pois deve vir para o Legislativo e também adentrar o Judiciário. Isso porque, se nesta Assembleia Legislativa temos a nossa Comissão de Promoção da Igualdade, ainda não temos na Justiça baiana uma estrutura que dialogue no mesmo nível que tem sido dialogado no Legislativo e Executivo. E para isso precisamos-nos enxergar enquanto grupo hegemônico, enquanto maioria da sociedade, maioria da Bahia e maioria de Salvador. Não podemos ficar só com os números das estatísticas. E não podemos ficar só, principalmente, nas estatísticas negativas.

Portanto, Sr. Presidente, o que quero falar é que esse desafio que está sendo colocado por todos - e nós temos a obrigação institucional de não tratarmos as questões de forma subliminar - tem endereço. E vou dizer quais são os endereços. Primeiro, estamos no limiar de retornar para esta Casa, com todo o esforço que foi feito, aqui, internamente, assim como no Executivo, principalmente a pauta que está sendo colocada pelo Movimento Negro, de trazer o Estatuto da Igualdade Racial da Bahia para aprovarmos, se possível, ainda neste ano de 2013. É possível que consigamos.

A segunda coisa, e acho um grande desafio que nos persegue, é que temos que criar estratégias efetivas para eliminar e acabar com o grande índice de mortalidade da juventude negra (Palmas). Não há mais possibilidade de não fazermos esse debate para colocar as



cartas na mesa. Todos nós juntos, instituições públicas ou não e movimento social, temos que trazer as alternativas reais para que nossos jovens negros saiam das estatísticas de maior número dentre os homicídios.

Esses dois desafios que estou colocando, pra mim, seriam as grande representações simbólicas. A partir disso, de fato, poderemos nos constituir numa maioria hegemônica. E mais que isso: uma maioria que de fato participe do poder em todos os níveis. Não apenas das estatísticas negativas que insistem em nos acompanhar por séculos.

Muito obrigado. Boa-tarde a todos (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)



7708-III

Ses. Esp. 21/11/13

Or. Reginaldo da Silva

Dia da Consciência Negra.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Registro a presença dos Srs. Deputados Álvaro Gomes e Marcelino Galo. Antes de passar a palavra ao próximo orador, cito algumas presenças para registrá-las: Adeyinka Adewole, diretor executivo do Instituto Cultural e Linguística Africana; Antônio George, prefeito do município de Ichu, que esteve aqui com a gente; grupo Esperma Sete, grupo cultural de Camaçari; Maria Nilza Soledade da ONG Orquídeas; Bela da Associação de Moradores Amo, na Barroquinha; Alberto Araújo, presidente da Cooperativa Transcop; Cynthia Moura Santos, orientadora da Fundac; Aline Barbosa, atriz do espetáculo Lenda das Yabás; Elísio Teixeira do Sindae; Altamira Simões, grupo de mulheres do Fórum de Lésbicas da Bahia; Sandra Pitanga, diretora do Colégio Ruth Pacheco; Jane Bispo da banda Batuk Black, de Camaçari; Cida Black, cantora e atriz também da banda Batuk Black; Rita de Cássia Santos, do Terreiro Ile Axe Oyá Tolá; Maurício Reis, coordenador da Sepromi, sempre presente, obrigado; Rose Mafalda, presidente do Bloco Afro Ginga do Nego; Manoel Conceição, Tata Nkisi, esteve aqui presente conosco; Antônio Marcos, da Cooperativa de Transporte; Simone Magalhães Santos, professora da Direc 1B; Eide Paiva, professora do Núcleo de Estudos de Gêneros e Sexualidade Diadorim, da Uneb, obrigado mais uma vez pela presença; Amélia Bispo; Lucília Lima dos Santos, do Terreiro Jovalaê.

Quero registrar a presença do Rosário dos Pretos, também quero citar e convidar para esta Mesa mais uma mártir das nossas lutas e da nossa identidade, que é Creuza.

Este espaço é seu, companheira. Venha para esta Mesa. A senhora representa essa República de Palmares dos tempos modernos.

Aproveito ainda para registrar um comunicado da deputada Fátima Nunes. Ela agradece o convite para esta sessão especial e informa que não pôde estar presente em razão



de ter uma agenda anterior, mas reafirma a importância deste evento, parabenizando acima de tudo a todas as mulheres que dignificam a Bahia o Brasil e reafirmam a nossa luta.

Passo a palavra neste momento a Reginaldo da Silva, subsecretário da Justiça e Direitos Humanos do Estado da Bahia.

O Sr. REGINALDO DA SILVA:- Boa-tarde a todas, serei um pouco diferente do secretário Elias Sampaio. Não vou saudar somente a todas. Quero saudar a todas e a todos que amam e respeitam todas. Deu para entender, não foi? E quero saudar a Mesa na pessoa de Lindinalva, a palestrante de hoje.

Estou representando o Dr. Almiro Sena, mais um secretário negro do governo Wagner. Ele mandou pedir desculpas aos presentes pela ausência, porque teve que atender a uma demanda do governo, me mandou representá-lo nesta sessão, tanto eu como o superintendente, Dr. Ailton Ferreira, e disse: “Quero que represente bem nesta sessão da Assembleia, que é um dia muito importante, e mandou nós dois para que a representação ficasse bem firme, bem marcante e positiva também.

Quero pedir permissão para fazer alguns registros. Aproveitando a fala do secretário Elias, quando registrou a questão dos avanços do negro de 2003 para cá, um grande histórico, o que não era tão normal; deputado Bira Corôa, também registrando aqui a presença do deputado Marcelino Galo. Na Secretaria de Justiça existem vários convites de alguns deputados brancos para reuniões em comemoração ao novembro negro. Isso representa um avanço também nesta Casa e esse avanço tem a ver com o trabalho do deputado Bira Corôa, que é o pioneiro nesse tipo de evento, que está trazendo uma representação tão importante e vemos deputados brancos também aderindo à questão da consciência negra.

Há muito tempo – não sou tão velho mas também não sou tão novo, já estou quase emplacando os 50, a gente sempre ouvia falar do dia 20, Dia da Consciência Negra, uma coisa e outra – na Bahia já tivemos um governo negro, mas não havia na época secretários negros.



Quero registrar hoje que temos um governo galego/negro, com todo respeito ao governador Jaques Wagner. Temos mais de dois secretários negros no seu governo, vários negros ocupando cargos de confiança, inclusive eu sou um desses. E como testemunha, como sou chefe de gabinete recebo as demandas do gabinete do governador, no sentido de garantir e assegurar os direitos dos negros, do pessoal do candomblé etc. E não faz muito tempo foi desapropriado um terreno de um terreiro que iria ser despejado. O governador assumiu a responsabilidade e ordenou à Secretaria de Justiça que fizesse o processo de desapropriação. Recebemos as demandas com uma exigência de alguém que respeita, que quer bem e que se comporta como negro, que é a questão do governador. Isso é importante registrar.

Quero pedir aos senhores uma salva de palmas para esse governo que sabe respeitar a nossa classe e a nossa raça (Palmas.) Dr. Almiro Sena, todos conhecem o seu histórico frente à discriminação racial, a qual ele combate há muito tempo. A chegada dele na Secretaria de Justiça fez um diferencial muito grande. Hoje, temos uma parceria muito forte com o secretário Elias. É impressionante, a nossa Secretaria tem a obrigação, mas não tem o dever de estar discutindo a discriminação racial porque temos uma Secretaria apropriada para isso. A gente faz parceria e discute a questão da mulher, carinhosamente falando da secretária Lucinha que esteve aqui e já saiu, faz um grande trabalho.

Então, o governo se preocupa em atender as demandas de todo mundo. É a primeira vez na história da Bahia que temos um núcleo de LGVT com uma travesti nomeada como coordenadora, e negra também. É a primeira vez que acontece isso na Bahia. É um governo verdadeiramente de todos. Então, de certa forma, o trabalho de Bira Corôa, do Dr. Almiro, do Dr. Elias Sampaio, o trabalho de demais secretários, do Dr. Ailton Ferreira que tem um trabalho maravilhoso na Superintendência de Direitos Humanos na Secretaria de Justiça, Cidadania e Direitos Humanos. Então, o trabalho de todo mundo como o da assessoria, o trabalho das mães de santo dos candomblés, a luta que vocês têm todos os dias, todo isso é resultado de um esforço em conjunto e tem a ver com a luta de todos vocês.

Quero parabenizar todos.



Havia uma moça sentada aqui. Cadê ela? Logo na hora em que vou falar, ela saiu! Não havia uma negra bonita sentada, aqui, há pouco?

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Cida Black.

O Sr. REGINALDO SILVA:- Cida Black. Cadê a cantora gogó de ouro? A cantora, também, gogó de ouro! Que coisa linda, né?! A mulher faz vários timbres de voz. E são as nossas mulheres baianas.

(A senhora adentra ao Plenário.)

O Sr. REGINALDO SILVA:- A cantora está aqui. Parabéns, por esta garganta, minha filha! Deus abençoe esta garganta! Temos prazer em ouvi-la cantar. (Palmas.)

A Cida Black que estava aqui...

Eu tenho quatro filhas negras. E tem uma mais nova que gosta de passar uma chapinha no cabelo e isso é uma coisa séria! Todos os dias, a gente briga e discute. Eu digo: “Minha filha, assumo que o seu cabelo não é ruim.” Ela se chama de cabelo ruim, porque o cabelo é duro. Eu digo a ela que uma pessoa civilizada nunca pronuncia cabelo ruim. Não existe cabelo ruim. Existem vários tipos de cabelo.

Quanto à mulher negra muito bonita que estava aqui sentada há pouco com um cabelo muito bacana, há de ser olhada. Há uma moça, ali, quase parecida, Por favor, minha filha, fique de pé.

(A referida senhora levanta-se para que todos a vejam.) (Palmas.)

O Sr. REGINALDO SILVA:- Que cabelo lindo e maravilhoso! (Palmas) Entenderam? É o cabelo da nossa raça que amamos e achamos bonito, pois o cabelo é muito bem produzido. Você está linda, está bonita! É importante a pessoa assumir-se. Por isso, existe a consciência negra.

Quero parabenizar esta plateia consciente que está aqui durante esta tarde.

(A Sr^a Cida Black adentra ao Plenário.)

O Sr. REGINALDO SILVA:- Pronto! Chegou a cantora para quem eu quero fazer uma reverência. Quero que você, Sr^a Cida Black, fique de pé, melhor, de frente para a plateia, a fim de que todos vejam a sua beleza.



(A Sr^a Cida Black fica em pé para que todos a vejam.) (Palmas.)

O Sr. REGINALDO SILVA:- Você é linda e maravilhosa! Eu fiquei apaixonado pelo seu penteado! Queria que a minha filha estivesse aqui para ver isso, ou seja, o quanto você é linda e está linda. (Palmas.) É bonita, é bonita e é bonita! (Risos.)

Quero agradecer a todos e deixar um forte abraço da Secretaria da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos. Dr. Almiro Sena disse que as portas de nossa secretaria estão abertas para garantir e assegurar o direito de todos.

Quero pedir ao deputado trazer uma pessoa à Mesa, melhor, ao nosso lugar, porque já viemos para não deixar falha aqui hoje. Vou atender à lojinha, porque o secretário está com o governador. Alguém tem de tomar conta da lojinha, não é? Eu vou atender à lojinha e o Dr. Ailton Ferreira fica ocupando o meu lugar, melhor, me substituindo nesta Mesa.

Desde já, agradeço. (Palmas.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Muito obrigado, mais uma vez, pela representação.

O Sr. REGINALDO SILVA:- Muito obrigado. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)



7709-III

Ses. Esp. 21/11/13

Or. Yulo Oiticica

Dia da Consciência Negra.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Neste momento, convido Ailton Ferreira para fazer parte da Mesa.

Concedo a palavra ao deputado Yulo Oiticica que está, neste exato momento, presente em outra sessão especial, também, nesta Casa. Ele passou aqui para dar seu depoimento.

O Sr. YULO OITICICA:- Deputado Bira Corôa, quero, mais uma vez, parabenizá-lo pela importante iniciativa...

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Permita-me fazer uma correção.

Convido, para compor a Mesa, a nossa Arany Santana, diretora do Centro de Culturas Populares e Identitárias – CCPI. (Palmas.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Desculpe-me, deputado Yulo.

O Sr. YULO OITICICA:- Deputado Bira, quero dizer que V.Ex^a tem muito bem representado essa luta aqui na Casa. O 20 de novembro cada dia mais se torna sagrado para nós, pois faz memória da luta, da resistência de um povo que originou essa terra de raça.

Como o senhor disse, participo de um debate em outro plenário da Casa, que trata da violência e da juventude negra, e lembrando que temos uma cidade na Bahia em que, muito recentemente, saíram novos índices sobre a questão de raça. É a cidade de Terra Nova, muito pertinente.

Na cidade de Terra Nova, deputado Bira Corôa, a população se diz, de acordo com o senso, que 93,2% são negros. Isso para nós é de uma simbologia gigantesca, porque começamos a refletir sobre qual o percentual da população negra das cidades da Bahia. Começa a sair aquela história de que, por exemplo, os números daqueles que estão hoje cumprindo medidas sócio-educativas na Fundac, nossos adolescentes, 36%, Creuza, se dizem negros; 48% se dizem pardos, como se existisse essa cor, como se existisse essa raça.



Acho que terra Nova traz para nós uma reflexão no sentido das pessoas começarem a perceber sua identidade, perceber sua raça, e não ter vergonha disso, ao contrário, ter orgulho disso.

Exatamente por isso, é fundamental que esse debate seja trazido à tona. Assim, Mãe Lia, como refletimos aqui na Casa, a senhora já viu, as sessões aqui, sempre que são abertas, fala-se “em nome de Deus”, e vocês já viram que só há o crucifixo. O Estado é laico e não deve ser de uma religião. Lamento que ainda as Casas Legislativas, numa terra de santos, encantos e axés, não funcionem, não vivam como tal. Mãe Lia, sou católico apostólico baiano. Portanto, Oxóssi abre meus caminhos. Não tem como não respeitar essa religiosidade bela, rica, da Bahia.

Há um provérbio africano, deputado Bira Corôa, que diz que: “enquanto as caçadas forem contadas pelos caçadores, os heróis sempre serão eles, e os leões sempre serão os bandidos”. Que bom que agora rediscutimos a história e colocamos Zumbi no verdadeiro lugar de herói, não de bandido. Portanto, que bom que agora a nossa história não é mais contada pelos caçadores. Quem conta a nossa história são os leões.

Viva o povo negro, viva o povo fruto da diáspora africana.

(Não foi revisto pelo orador.)



7710-III

Ses. Esp. 21/11/13

Or. Letícia Silva

Dia da Consciência Negra.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Obrigado, deputado Yulo Oiticica.

Concedo a palavra a Letícia Silva, representando a ABAM e Santo Antônio de Jesus.

A Sr^a LETÍCIA SILVA:- Boa tarde. Peço desculpas por estar um pouco afônica.

Eu fiquei pensando quando a moça me perguntou se eu queria falar. Eu disse que sim, mas não lembrei que teria de sair de lá para cá. Eu fique ainda mais nervosa, mas vamos lá.

Quero aproveitar esse espaço para agradecer aos meus antepassados que me possibilitaram estar aqui agora. Sem a luta, sem a trajetória e sem as vitórias que eles tiveram, nem eu e nenhum de nós estaríamos aqui.

Não sou muita dada a protocolo e nunca aprendi a segui-los direito. Agora, nessa altura da vida, não me faz falta. Agradeço a essa ancestralidade que me garantiu a possibilidade dessa fala aqui, agora.

Agradeço ao deputado Bira Corôa pela homenagem na sua página do *face*. Não existe mais privacidade depois do *Facebook*, não é. Particularmente, eu não sabia, mas começaram a ligar para meu trabalho e dizer “Abre o *Face*, abre o *Face*”. Eu abri o *Face* e pude me ver. Fiquei surpresa, agradeço a homenagem, mas levei uns 15 minutos olhando a tela do computador tentando entender a dimensão do que aquilo significava.

Como toda mulher negra, sou bonita e vaidosa. Fiquei olhando a foto e tentando medir a importância do que aquilo tinha. Por quê? Porque sou uma mulher negra, professora, baiana de acarajé e vitoriosa de todas as coisas que desejei conquistar. E eu tenho a cara de todas as mulheres da minha família, todas as mulheres da minha rua, todas as mulheres da minha escola, todas as mulheres negras. Como todas nós que estamos aqui, uma representa o rosto da outra. Só a gente sabe o que é ser vista por um homem branco como um pedaço de



carne, exposta ao seu bel prazer. Sabemos o preço disso e sabemos o quanto nos custou para nos impor. Não estamos mais no tempo em que a mulher negra era para diversão, e não para casar. Nós somos o que quisermos ser. Não o que as pessoas determinam.

Fiquei refletindo sobre isso tudo. E, aí, o cotidiano, o dia a dia, “lava o feijão”, “limpa o camarão”, enfim, fui cuidar da vida. À noite, quando fechei o tabuleiro e cheguei em casa, mostrei à minha mãe, e ela ficou parada uns cinco minutos e passou a chorar. Eu disse: Oxe, mãe, por que a senhora está chorando? Ela me disse: Ô, minha filha, porque da minha família eu fui a única que concluiu o segundo grau; das suas primas - uma família numerosa, da minha geração são 46 primos da mesma faixa etária – só quatro terminaram o ensino superior – eu sou um dos quatro -. E da geração que me sucedeu, quase todos já estão na universidade. (Palmas.) Então isso é a evolução do nosso povo. Todos que concluíram o ensino superior e que estão na universidade não são mais importantes do que minha vó, que criou meus tios, e começou a me criar também lavando e engomando roupa. “Lavava de ganho”, como se dizia na época. Pelo contrário, cada um nós que vence dentro dos valores dessa sociedade que aí está, que não são os mais importantes, cada vitória de um de nós é a vitória de todos.

Nós estamos vencendo, nós estamos conquistando vitórias da nossa ancestralidade. Em nome dessa ancestralidade é que acordo de madrugada para dar conta das coisas do meu trabalho, porque também sou funcionária pública, e, antes de eu sair, eu deixo o feijão de molho, as coisas ajeitadas para quando sair do meu trabalho, sentar no meu tabuleiro. Sendo bem sincera a vocês, é o que realmente gosto de fazer. É o que realmente me dá orgulho, me dá prazer é estar sentada no meu tabuleiro vendendo meu acarajé. Quando estou sentada ali, eu vejo tudo que se passa a meu redor e me serve de reflexão da importância dessas mulheres. Minha família não é de tradição de tabuleiro de acarajé, mas eu sou herdeira dessa ancestralidade, porque sou filha de Oyá. Então sou herdeira dessa ancestralidade também. E o acarajé é uma comida tão digna, Yansã é uma mãe tão generosa que ela sustenta até aqueles que negam e renegam essa herança.



Então a Abam é mais uma família que me abraçou, que me aceitou. E é em nome dessa nova família que eu já me sinto mais do que componente e, em nome dessa ancestralidade, que eu peço a vocês que fortaleçam o nosso coro das baianas de acarajé. Ninguém vende “bolinho de Jesus”. As pessoas vendem acarajé. Não existe outra forma de fazer acarajé a não ser com feijão fradinho. Então não se faz “bolinho de Jesus”. Respeito a trajetória e a justificativa histórica de Jesus Cristo e respeito também quem acredita nele como Salvador. A questão aqui não é religiosa. A questão aqui é historiográfica, pois é a herança de um povo.

Não deixemos ninguém vender bolinho de Jesus. Se você não quer ser baiana de acarajé, vá vender pastel, vá vender coxinha, vá vender *sushi*. Mas acarajé, não. O acarajé é vendido por baiana de acarajé. (Muitas palmas) Assim sempre foi e assim sempre será.

Tenho um tio de noventa e poucos anos que diz enfrentar uma guerra com um milhão de homens, mas não quer briga com uma mulher. Imaginem todas as baianas de acarajé reunidas em defesa desta batalha! A vitória é certa! Mas é preciso que a gente se empodere desta questão. Isso é necessário.

Tentaram nos tirar da Fonte Nova e não deu certo. Agora, são as praias, porque existe um modelo arquitetônico e o dendê pode trazer perigo. Paciência! Paciência! Se a palidez da arquitetura não combina com o esplendor da nossa beleza, mudem de projeto! (Palmas.) Mudem de projeto contanto que nos contemplem. O projeto deve ser pensado para o conforto e a acessibilidade do que é tradicional nesta terra e não para atender a uma herança europeia que vem para cá tirar foto como se nós fôssemos bichos exóticos para ser exposto em seu país de origem ao dizer: “Olhem a foto que eu tirei!”

Esta é uma solicitação e um pedido que estou fazendo. Se, aqui, o dendê é grosso, no interior, o negócio é mais danado. Lá, também, não é muito fácil. Mas não gostamos de coisa fácil, porque não tem graça, né? A vitória é mais gostosa quando é um pouquinho mais suada.

Quero, aqui, pedir a ajuda de todos vocês. Qualquer ajuda é bem-vinda. Qualquer ajuda é bem-vinda até quando aquele vizinho fala mal e acha certo tirar a baiana de acarajé



da praia, você chega e conversa com ele. Isso já é uma grande ajuda, porque é mais um consciente e menos um para falar mal.

Agradeço a todos por terem me ouvido.

Peço agô e bênção aos mais velhos – pois eu não pedi no início de minha fala – e aos mais novos. Isso acontece porque eu sou assim mesmo avexada, pois quando eu tenho uma coisa para falar, eu vou falando.

Bênção aos mais velhos, bênção aos mais novos, bênção a esta ancestralidade que nos permite estar aqui vencedoras, vitoriosas e lindas!

Muito obrigada. (Muitas palmas.)

(Não foi revisto pela oradora.)



7711-III

Ses. Esp. 21/11/13

Or. Sueli Santos

Dia da Consciência Negra.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Quero registrar e, ao mesmo tempo, agradecer as presenças de Silvana Bispo, coordenadora de Educação para a Diversidade da Secretaria de Educação do Estado da Bahia (palmas); de Marcelo que representa o setorial de Promoção da Igualdade da Prefeitura Municipal de Santo Antônio de Jesus; de Neide Santos e Raimundo Vicente da coordenação estadual do Movimento dos Trabalhadores Desempregados da Bahia (MTD).

Passo a palavra a Sueli Santos, representante do MNU. (Palmas.)

A Sr^a SUELI SANTOS:- É uma responsabilidade muito grande falar depois de uma mulher como essa.

Boa-tarde a todas. Uma saudação especial ao povo de santo, que atualmente é a minha referência, o meu norte religioso, como um dia e até hoje o Movimento Negro Unificado foi o meu norte enquanto ativista política.

Quero cumprimentar a Mesa e a Creuza Maria de Oliveira, que assim como as autoridades religiosas simbolicamente representa essa nossa coragem, essa nossa luta de mulher negra. No nosso histórico temos as quituteiras, mas sem dúvida também as trabalhadoras domésticas nessa luta que elas têm. E fico muito feliz em saber que Creuza está aqui hoje nesta sessão. Deputado, obrigada pela lembrança e oportunidade. Parabéns por tratar de uma especificidade destas, que é a questão da mulher negra no 20 de Novembro.

Vou me reportar ao que disse o secretário Elias, meu amigo pessoal. Ele falou “Vamos parar com as estatísticas ruins. Não vamos falar delas.” Pensei: “E agora, o que vou falar?” Mas, refletindo melhor, pensei que estou numa Casa Legislativa, sou uma mulher negra e militante do Movimento Negro. Portanto, não posso deixar passarem despercebidas algumas questões.



O 20 de Novembro não é só comemoração, mas também um momento de reflexão e reafirmação das nossas questões trazendo sempre as nossas denúncias. Vamos tentar fazer isso de uma forma mais leve, como bem fez a representante das baianas.

A verdade é que muitas coisas ainda estão por acontecer, estão para ser feitas. Acredito que não só eu, mas igualmente quem se preocupa mesmo com a transformação real da sociedade, ao acordar, levanta com um pouco de pesar ao ter assistido na noite anterior aos noticiários que não nos poupam - principalmente as famílias populares - das notícias com esses índices de violência que abismam da forma como estão acontecendo. Os atuais programas de TV exibem os corpos de jovens, desrespeitando as famílias em pleno horário do meio-dia. De repente, essa violência não é só pauta cotidiana nas nossas famílias, pois também se torna natural, torna-se programa de grande audiência ao serem vistos corpos de jovens mortos nos bairros populares.

Então, alguma coisa ainda não está certa neste governo. No que se refere à segurança pública, embora estejamos acertando em algumas questões, é preciso termos a coragem de mexer nessa ferida. Mas penso que não temos. Não posso passar um 20 de Novembro sem me permitir falar isso no espaço em que eu estiver.

Ainda assim, irei particularizar mais. Quando falamos de violência, sempre falamos da violência do jovem morto, mas não da violência da jovem morta. É quase como se essa violência fosse uma questão acessória em toda essa luta do jeito como é colocada. Fui observando desde os primeiros discursos, e temos de atentar que quem falou de mulher aqui foram as mulheres. E é uma sessão especial para tratar de mulheres no 20 de Novembro. (Palmas!)

Falo isso porque trouxe aqui, na minha pesca, alguns índices que irão mostrar que a violência contra a mulher - particularmente contra a mulher negra - necessita urgentemente de uma providência. Enquanto sabemos identificar quem abate o jovem negro - é a polícia ou o traficante -, estamos submetidas a uma violência doméstica provocada por maridos, pais, irmãos e vizinhos. Esse problema não pode ser desconsiderado como está sendo feito agora. Nessa luta, esse tipo de violência vai ficando invisibilizada em nome de outras



violências, em nome de um problema que consideramos maior. Eu acho isso muito injusto. Muito injusto porque quando tomba um jovem negro é uma mulher negra que está lá chorando sobre ele. Houve, particularmente, um caso no bairro onde moro em que a mãe abraçou-se ao filho e disse: “Ninguém vai olhar a cara do meu filho dessa forma”. O filho morto no chão...

Quem está chorando sobre esses jovens negros são as mulheres negras, o povo de santo, as trabalhadoras domésticas e lideranças comunitárias. Mas, no caso das mulheres, quem está chorando sobre os nossos corpos senão as outras mulheres, as mães, as tias, as filhas? (Palmas.) É preciso que no imaginário dessa luta se construa uma possibilidade de repensar como a violência se abate sobre as mulheres, particularmente sobre as mulheres negras. Porque não estamos considerando isso. E, aí, naturalizamos essa violência, desconsideramos essa violência.

Eu quero chegar numa sessão especial, num espaço legislativo, para ver e para ouvir um representante do Estado dizer que algo precisa ser feito contra essa violência. Eu quero ouvir esse tipo de coisa. Porque a violência que se abate sobre nós – as representantes do movimento lésbico, homossexual, estão ali me olhando –, e que escondem, fazem de conta que não acontecem, são violências que nos abatem enquanto mulheres, estejamos onde estejamos. Essa é que é a verdade.

Há uma coisa importante: nós tivemos um avanço muito grande com a Lei Maria da Penha, mas essa lei não conseguiu dar conta dessa violência que se abate sobre nós. Eu vou falar da violência física. Temos aqui dados da própria Secretaria da Segurança Pública de que, até agora, de janeiro a julho, 173 mulheres morreram por violência física. Só que, no ano passado, durante todo o ano, foram só 165, o que significa que não estamos avançando nada! E que as mulheres continuam morrendo! Nós conhecemos quem é que nos mata. Geralmente, 80% das mulheres que são mortas, são por pessoas conhecidas, pelo marido. As mulheres sofrem violência psicológica também pelos maridos. As mulheres são estupradas pelos maridos.



Gente, será que vamos fechar os olhos a isso até quando? Até quando? Até quando vamos fingir uma parceria dentro dos movimentos dos quais participamos? Na verdade, só somos parceiras enquanto estamos no sustentáculo! Quando chegamos para estarmos do lado, somos ameaça. Quero chamar à reflexão dos homens, porque nós mulheres já sabemos disso. O que é que existe na cabeça de vocês que fazem com que reproduzam uma lógica racista? Porque o branco é assim. Quando ele não se sente ameaçado ele diz: “Eles estão aí mas eles não estão me ameaçando, isso não é nada.” Os homens se comportam com nós, mulheres, da mesma forma! As mulheres estão aí, elas são parte estruturante mas o são para dar suporte, para fazer escada. No momento em que ela chega do lado, ela está sendo ameaça, ela já não serve.

Vejo o desgaste nesses movimentos – falo do lugar em que estou – de várias liderança femininas cujos homens não conseguem admitir que elas tenham um papel de destaque e que elas podem assumir o poder. (Palmas.) O que é isso?

Então, nesse 20 de novembro, escolhi, em todos os lugares em que vou, falar da violência contra a mulher. Não dá mais para esconder. Eu quero que cada homem particularmente reflita sobre isso. Que cada homem particularmente tome posição sobre isso. Eu quero ter companheiros homens do meu lado no momento em que for agredida por outro. Porque geralmente só vêm as mulheres! Tem um movimento que diz “mexeu com uma, mexeu com todas”. Eu quero mexer com todo mundo! (Palmas.) Se um homem não consegue perceber... Tem essa coisa da solidariedade masculina, quando mexe com eles, um apoia o outro. Quando é com a gente, parece um problema particular. Isso não é revolucionário! Se você é um homem revolucionário que não contempla as reivindicações das mulheres e não consegue perceber essa especificidade, se não se tenta mudar isso, você não é revolucionário coisa nenhuma!

Vejo várias lideranças que praticam agressões a mulheres, que difamam mulheres, que não permitem que elas ascendam politicamente como grandes lideranças. Não está correto isso! E não estou aqui para botar uma venda nos meus olhos, não vou fazer isso. Não



vou estar nos vários espaços chamando de companheiro para, entre quatro paredes, ser estripada e agredida. Isso eu não vou fazer.

Então, neste 20 de Novembro, nós mulheres temos várias questões. A do aborto, por exemplo. O homem não fala de aborto, só quem fala é mulher, parece que ele não tem participação nisso. Homem não fala de aborto, não fala de agressão. Quero acreditar que eles vão achar um absurdo uma agressão física. Mas nenhum até hoje fez alguma ação concreta para estar nas fileiras em que as mulheres estão, na luta contra essas agressões. Portanto, não dá para fazer festa nessa data porque essas questões estão em aberto.

Acredito que todas nós que estamos aqui temos compromisso com a real e concreta mudança para trabalhar contra a violência. Mas, nesse processo de violência, invisibilizar a violência que sofremos não é nada revolucionário, não é nada certo, não é nada legal. E é preciso perceber que somente políticas públicas talvez não deem conta dessa demanda. Aquilo que vai no papel talvez não dê conta dessa demanda. Eu quero saber o que vocês homens vão fazer com a consciência de vocês!

É isso. Obrigada. (Palmas.)

(Não foi revisto pela oradora.)



7712-III

Ses. Esp. 21/11/13

Or. Arany Santana

Dia da Consciência Negra.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Neste momento, passo a palavra a Arany Santana, diretora do Centro de Culturas Populares Identitárias da Bahia. Aproveito para fazer uma ressalva que não gostaria de fazer: peço que todos os discursos sejam sucintos daqui para a frente, porque o tempo está contra nós. Algumas pessoas têm que se deslocar e a Casa funciona hoje até as 18 horas.

Com a palavra a Sr^a Arany Santana.

A Sr^a ARANY SANTANA:- Boa-tarde a todos e a todas. Nobre deputado Bira Corôa, antes de qualquer coisa, agradeço pela iniciativa, pela ousadia, pela coragem de neste dia 21 convocar essas mulheres que têm uma trajetória importante – mulheres invisíveis, mulheres fortes, mulheres guerreiras, mulheres negras desta cidade – e fazer esta sessão especial.

Acho que todas nós aqui presentes, mulheres e homens também, todos, os visíveis e invisíveis, aqueles que não estão mais aqui, os nossos ancestrais, agradecem por este momento de reconhecimento em que se reflete acerca das questões que afligem as mulheres negras ainda na contemporaneidade.

Quero dar bênção a Mãe Raidalva, aos mais velhos, ao povo de santo; quero expressar que me sinto extremamente contemplada pela fala da nobre professora baiana do acarajé, pela companheira do Movimento Negro, pelos homens que já passaram por aqui e que já falaram, pela guerreira Creuza, que vem nessa luta pelas trabalhadoras domésticas deste País, não somente da Bahia.

Devo dizer que, diante de tantas personalidades, me sinto pequenininha, sinto-me pequena no meu canto, fazendo um trabalho de formiguinha, um trabalho de bairro, um trabalho social, um trabalho de Ilê Aiyê, um trabalho no Pelourinho. E tudo o que nós fazemos é fruto de uma trajetória de vida, de uma luta. Nós, mulheres, estamos habituadas,



sim, com a dificuldade. Mas, ultimamente, tenho dito que estou me sentindo muito mexida. São 35 anos de Movimento Negro. Lembro-me que era no tempo de ditadura militar, 13 de maio de 1978, e vejo a companheira aqui e lembro-me de tantas que já se foram nessa luta pela afirmação da mulher negra.

Estamos também comemorando 40 anos de bloco afro aqui na Bahia, dessa revolução rítmico-musical que aconteceu também na época da ditadura, em 1974. E estamos comemorando – não sei se é comemoração – 10 anos da Lei nº 10.639, e como educadora me sinto extremamente frustrada, porque não conseguimos avançar dentro da escola pública. Os avanços, os conhecimentos – estou vendo muita gente aqui de blocos afros, de afoxés – acerca da África, da nossa cultura de matriz africana, a população tomou conhecimento não foi pela via da escola, foi pela via dos blocos afros, dos afoxés, foi pela via desse movimento social que ensinou um pouco da nossa história, da história da África através das letras das músicas. E até hoje nós não conseguimos que essa matéria adentrasse pela porta da frente das escolas. Acho que o trabalho que os blocos afros e os afoxés fizeram junto com o Movimento Negro ao longo desses 40 anos é a nossa referência. Agradecemos muito ao povo de santo, ao povo de terreiro de candomblé, ao povo que vende acarajé e mingau nas ruas, àqueles que salvaguardaram, aos guardiões da nossa história, da nossa ancestralidade, aos blocos afros, aos afoxés, ao povo da capoeira. Foram eles, sim, que salvaguardaram a nossa história, a nossa memória. E quero agradecer a todos eles que não estão aqui hoje, que nunca tiveram o prazer de adentrar a esta Casa Legislativa para serem homenageados. O meu agradecimento à minha ancestralidade.

Muito obrigada. E uma saudação a toda essa Mesa, uma Mesa importante, uma Mesa preta em todos os sentidos, no compromisso, na cara, em tudo que se pode imaginar. O preto extremamente positivo, uma assembleia negra de afirmação, negra de brilho e negra de vitórias.

Muito obrigada (Palmas.)

(Não foi revisto pela oradora.)



7713-III

Ses. Esp. 21/11/13

Or. Álvaro Gomes

Dia da Consciência Negra.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Quero passar a palavra ao deputado Álvaro Gomes para breve saudação.

O Sr. ÁLVARO GOMES:- Quero parabenizar o deputado Bira Coroa pelo trabalho que tem feito aqui na Comissão da Promoção da Igualdade. Todo ano ele tem feito essa importante sessão do Dia da Consciência Negra, um dia simbólico para todos nós. O novembro tem várias cores, tem o Novembro Dourado – que é a questão do câncer infantil; o Novembro Azul – que é da diabetes e da próstata; o Novembro Roxo – que é a prevenção contra os cânceres de pênis e de próstata. Mas estamos no mês mesmo é da Consciência Negra. Esse é que é o enfoque mais importante para todos nós.

É uma luta que devemos travar cotidianamente. Acho que muitos avanços a sociedade já conquistou, mas precisa conquistar ainda mais. Está aí Creuza, que é uma representante dessa luta antirracista e em defesa das empregadas domésticas, que ainda é resquício da escravidão e que atinge principalmente as mulheres negras e pobres. Nós estamos aí juntos nessa batalha, todos nós, toda a sociedade com a defesa da PEC das Domésticas para acabar esse resquício de escravidão e transformar as trabalhadoras domésticas em iguais aos demais trabalhadores, com carteira assinada e com todos os direitos que os trabalhadores da economia formal têm. Portanto, acho que essa é uma luta que temos que travar no cotidiano.

Aqui, na Assembleia Legislativa, temos um papel importante não apenas em fazer a discussão, o debate, mas também apresentar as proposições. E são inúmeras as proposições que existem tratando dessa questão.

Eu gostaria de ressaltar que nós temos, aqui, quatro proposições, melhor, quatro projetos de lei neste sentido. Há dois projetos de lei que versam sobre a reserva de vagas de afrodescendentes em concursos públicos e em peças publicitárias da administração direta e



indireta do estado. Nós temos um projeto de criação de delegacia itinerante antirracismo que, também, é muito importante. E temos um outro projeto que estabelece o dia 20 de novembro como feriado estadual.

Portanto, esta luta é de todos nós e esta luta deve ser travada diariamente para que possamos, efetivamente, combater o racismo, a discriminação e promover, efetivamente, a igualdade ao levar em consideração o que existe em nosso mundo e em nosso planeta que é a raça humana. Para isso, todos devem ter igualdade de condições e todos devem ser tratados com dignidade, enfim, todos devem viver bem.

Portanto esta é uma luta importante. E, neste mês de novembro, temos de refletir, mas não apenas no mês de novembro, temos de refletir durante o ano inteiro e buscar avançar ainda mais. Não podemos, é claro, imaginar que nada foi conquistado, pois muita coisa foi conquistada. Muitas foram as vitórias. Mas essas vitórias são frutos das lutas e das mobilizações de toda a sociedade, principalmente, do movimento negro.

Por isso, a gente precisa aplaudir este movimento e esta resistência e, sempre, lembrar de Zumbi dos Palmares, pois, realmente, é um nome histórico que eleva a consciência negra para que a gente possa conquistar uma sociedade de igualdade e uma sociedade onde todos nós possamos viver bem.

Um grande abraço! Vamos continuar nesta luta. (Muitas palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)



7714-III

Ses. Esp. 21/11/13

Or^a Ana Torquato

Dia da Consciência Negra.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Neste momento, passo a palavra a Ana Torquato.

A Sr^a ANA TORQUATO:- Quero começar pedindo a bênção aos mais velhos e, também, aos meus mais novos. Quero cumprimentar a Mesa na pessoa do deputado Bira Corôa, proponente desta sessão especial, e, assim, cumprimento todos os homens presentes neste espaço. Quero cumprimentar todas nós, mulheres guerreiras, na figura da minha amiga, companheira, irmã e querida Arany Santana e desta belíssima filha de Oyá que deu um depoimento que me emocionou bastante e que justifica a sensibilidade que a gente precisa registrar do mandato de Bira nesta Casa.

Ao fazer uma sessão especial no Mês da Consciência Negra intitulada *As Mulheres na República de Palmares*, a gente precisa salvar isso em nossa memória (palmas), porque é um ato extremamente importante para esta Casa. Falo isso com muita tranquilidade, porque falo, aqui, em nome do deputado Marcelino Galo, parlamentar desta Casa, que passou por aqui e está em audiência externa. Mas estamos juntos, pois temos mandatos coirmãos.

Mas acho que precisamos refletir, Bira, juntamente com todas e todos vocês aqui. Esta Casa tem 63 deputados, repito, 63. E, todos os anos, este debate, trazido a esta Casa pautado pelo mandato de Bira Corôa, precisa ter aderência de mais parlamentares desta Casa. Eu me sinto tranquila em falar isso, porque precisamos que os 63 deputados, também, levantem a bandeira do emponderamento do povo negro neste estado. (Palmas.)

E esta sensibilidade ainda está aquém. Logo, nós temos o dever e a obrigação de derrubar o véu que se encobre nos mandatos. Precisamos exercer a nossa cidadania, a cada dia, nos mandatos, no trabalho, quando estamos vendendo o acarajé, dando aula, trabalhando na secretaria, quando estamos exercendo o nosso papel no governo, quando estamos lotando



as praças do Pelourinho de negros e negras curtindo e absorvendo a nossa cultura. Assim, nós poderemos exigir que, cada vez mais, a utilização de toda a nossa ação, para contribuir com esta luta, se dê a cada dia.

Todos disseram, aqui, que há o dia 20 de novembro e o mês de novembro. Mas a luta é diária, repito, a luta é diária. A luta precisa ser diária.

Eu não vou me alongar, porque não sou palestrante da sessão, mas eu acho que precisamos sair daqui, cada uma e cada um dos que estão aqui, como verdadeiros militantes diários, conquistando, impondo, reivindicando, reagindo, refletindo e reagindo diariamente sobre a necessidade de, cada vez mais, debatermos e criarmos oportunidade de, cada vez mais, termos mulheres negras ocupando os espaços de poder, porque quando ocupamos os espaços de poder, Sueli, é que promovemos essa mudança, promovemos esse debate.

Os espaços, as esferas de poder precisam debater essa realidade da violência contra a mulher, da mortandade exagerada da juventude negra. Essa postura de Sueli também emocionou muito: “decidir onde for falar sobre isso.”. Nós temos que falar sobre isso o tempo todo na nossa batalha.

Portanto, companheiros, companheiras, mulheres empoderadas que Bira conseguiu reunir aqui, um monte de mulheres visíveis e invisíveis, mas todas empoderadas, cada vez mais mulheres negras empoderadas.

Viva Zumbi! Viva as mulheres negras! Viva o povo negro!

(Não foi revisto pela oradora.)



7715-III

Ses. Esp. 21/11/13

Or. Ialorixá Raidalva

Dia da Consciência Negra.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Quero aproveitar para agradecer aos jovens estudantes do Ruth Pacheco, à professora Sueli, diretora, e aos professores. Sei que o horário de vocês já está praticamente comprometido, vocês vão ter que sair, mas quero agradecer. O Colégio Ruth Pacheco tem sido um parceiro permanente e tem se destacado, incluído na aplicação da lei nº 10.639 e tem sido um exemplo para a Bahia. (Palmas.)

Passamos a palavra nesse exato momento à Ialorixá Raidalva para a sua saudação. Estamos quase concluindo esta sessão.

A Sr^a IALORIXÁ RAIDALVA:- Boa-tarde. A benção aos mais velhos e aos mais novos. Ah, deixe eu respirar! Vou fazer como a nossa querida...

Estar aqui é muito importante, é muito importante essa tomada de atitude do deputado Bira. Mulheres, estamos aqui. Precisamos nos mostrar, principalmente nós, mulheres negras e de Candomblé, que é o que pega.

A situação do povo contra a nossa religião, não vamos dizer que são só os protestantes, não, existem outras pessoas, alguns brancos que nem têm religião, mas que não gostam só porque é Candomblé. Mas, nós não nos sentimos ameaçados.

Eu, hoje de manhã, comecei a conversar comigo mesma e disse: eu vou. Não estava bem de saúde, mas eu disse, meu filho, eu vou, primeiro porque eu gosto muito desse rapaz, eu posso chamar, porque ele pode ser até meu filho, o deputado Bira. Segundo, que eu acho que quando chama mulheres negras e de Candomblé nós temos que nos fazer presentes, seja lá onde for, até na Assembleia. (Palmas.). É isso que nós precisamos.

Eu não consigo mais aceitar essas palavras de intolerância. Mulheres, nós não queremos que nos tolerem não, nós queremos respeito. Respeitem as mulheres negras de Candomblé, respeitem a mulher como um todo, mas, principalmente, as mulheres de



Candomblé que são desrespeitadas de uma forma tão agressiva que, às vezes, é melhor nos calarmos.

Estive há 2 meses num supermercado e chegou uma jovem com um papelzinho na mão. Eu acho que temos de receber até por educação. Ela me deu o papel e continuei andando, porque estava fazendo compras e tinha outras coisas a fazer. Ela voltou, bateu no meu ombro e perguntou se eu não ia ler. Eu disse que leria quando chegasse em casa. Ela disse: “Olhe, Jesus está lhe esperando”. Eu disse: “Onde ele mora? Ele está me esperando onde? Por que quem está me esperando na minha casa é Obaluê, que é meu pai!” (Palmas)

Ela deu as costas, se benzeu, fez um monte de coisas e foi embora. Eu não fiquei bem, não era isso que eu queria fazer. Eu gostaria muito de sentar com essa jovem.

Vamos falar sério, minha gente. Nós precisamos falar um pouco dos nossos, de dentro da nossa casa, do nosso axé. Sentar com eles e dizer: “Vocês sabem de onde veio a religião do candomblé, sabem como chegamos aqui?”

E agora, neste momento, vocês me colocam numa posição de mãe. Eu me sinto mãe. Não é Mãe Raidalva, de candomblé, não. Eu me sinto mãe porque sou uma pessoa de idade, tenho filho que já passou dos 30, e tenho um dever a cumprir com os jovens que estão ao meu redor. Na minha casa tem 19 crianças. Imaginem, que beleza! Mas todos eles têm uma conversa com a avó. Têm umas mais sabidas, umas mais ousadas que dizem assim: “Minha avó, olhe, estou vendo alguém ali de *short*”. Porque ela sabe que não pode usar *short* no terreiro.

E chega alguém de fora, e ela diz assim: “Vou pegar o pano da costa de alguém para lhe emprestar, porque aqui não se fica de *short* nem de bermuda”. Eu acho que é isso que estou fazendo, minha gente. É o que precisamos fazer pelos nossos jovens: conscientizá-los, conscientizar as minhas filhas, as minhas netas de que elas são negras e que não precisam espichar o cabelo. Somos lindas, mulheres lindas.

Eu tenho uma filha, sou avó-mãe, e ela é extremamente alérgica e, hoje, ela é a beleza da casa, porque não faz nada no cabelo. Tem um cabelo natural, bota assim, bota



assado, faz modelo, faz tudo e é uma criança iniciada, vai fazer, agora, odu igê, porque foi iniciada com 1 ano.

Bira, você continua de parabéns. Eu me curvo diante de sua sapiência e da sua sabedoria como cidadão político. E isso tudo é sabedoria. Mas não é você sozinho que faz isso. Porque aqui, neste ambiente, está cheio de ancestrais. Os ancestrais estão aqui nos elogiando e dizendo que valeu a pena o que sofremos, porque o que deixamos para você foi isso: “Vá brigar pelos seus direitos”. Foi isso que os nossos ancestrais deixaram como responsabilidade de cada um de nós, povo de santo.

Nós somos povo de santo. Foi assim que aprendi. Hoje se fala até em sacerdotisa. Recebi um convite como sacerdotisa. Nem conheço essa palavra, que a mim não cabe. Sou mãe de santo. Foi assim que aprendi. (Palmas.)

Não tenho mais nada para falar, porque já se falou tudo que tinha de ser dito aqui, graças a Deus. Essa Mesa é maravilhosa e sei que ainda vão falar muito mais. Mas quero falar em ancestralidade, porque se nossos ancestrais não tivessem feito o que fizeram, não tivessem sofrido o que sofreram, não estaríamos aqui. Quem seríamos nós para estarmos hoje na Assembleia Legislativa?

Yadetá, yá kalá, yá nassoka. Eu sei que as senhoras estão aqui. Foram essas mulheres as fundadoras e criadoras do candomblé no Brasil, e são essas mulheres que cada um de nós temos que lembrar quando estivermos naquele momento nosso, bem particular, sozinhos, vamos chamar por elas e agradecer por ter deixado esse legado para todos nós. Agradecer por elas terem deixado que fluísse o ensinamento de como manusear a religião com sapiência, sabedoria. Porque o que estamos fazendo aqui, hoje, foi o que eles fizeram com a sabedoria deles. Estamos fazendo com a nossa agora. Estar aqui, neste momento, e quando eles convidarem, vamos juntas. Podem me chamar, se não me encontrar, procurem, me chamem que eu vou. Porque só assim, nós vamos estar hoje aqui e prosseguir em outros ambientes, em outras situações, porque é disso que precisamos.

Olha a palavra da menina do acarajé, eu posso chamar de menina. Dizem que o Orixá da perseverança é Yewá. Mas acho que é Iansã. Porque Iansã é uma mãe muito



próxima dos filhos dela e até dos que não são, como ela falou. Aqueles que dizem assim: “Eu não sei, gosto de Santa Bárbara.” Goste de Santa Bárbara porque Iansã gosta de você. (Palmas.) Ela é uma mãezona e está certa em dizer: “Vamos vender acará.” É acará que nós vendemos. É acará que oferecemos a Oyá, é uma comida de Iansã. E não é proibido que o protestante vá vender o acarajé. Ele venda, mas não como bolinho de Jesus. Onde Jesus viu feijão fradinho? Onde Ele achou? E não tem outra forma de fazer!

Acho que já chega. Estou bem, gostei de ter vindo. Muito obrigada, Bira. (Palmas)
Foi um prazer enorme estar aqui com vocês.

Gostaria de dar um informe pequeno. Nem pedi permissão, mas sou velha e posso. Temos uma instituição, chamada Odara. Haverá uma programação para os dias 06, 07 e 08. Dias 06 e 07 será no Museu de Arte Sacra e no dia 08 será no nosso terreiro Ile Axe Aiotolá. Será o dia todo, aberto para quem quiser ir. Podem procurar a informação com esse rapaz.

Que Oyá, Olodumare, o Orixá Exu tomem conta de todos os passos que damos nas nossas vidas! Que Ogum vá limpando e a gente vá passando!

Muito obrigada. (Palmas.)

(Não foi revisto pela oradora.)



7716-III

Ses. Esp. 21/11/13

Or. Mãe Lia

Dia da Consciência Negra.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Passo a palavra a Mãe Lia, em seguida a Cleusa e encerramos.

A Sr^a MÃE LIA:- Boa-tarde a todos! A bênção aos mais velhos e mais novos. Só tenho o que agradecer. Sou representante do povo do santo de Camaçari, estou passando uma chuva por lá. Agradeço ao deputado Bira Corôa a oportunidade de estar aqui, hoje. Para mim foi um susto e uma emoção, eu não sabia.

Lá em Camaçari, faço trabalho social, sou filha de Oxum e só tenho uma coisa a dizer a vocês. Acho que tudo já foi dito. Mas sofri, em Camaçari, intolerância religiosa. Sou negra e mulher, sinto-me negra, sofri muita resistência para entrar no Candomblé, porque os pais, a família nem sempre aceita, mas é uma religião que desde de criança eu gostava e admirava. Em fevereiro vou fazer 25 anos que estou na religião. Este ano, sofri uma intolerância e foi muito triste, para mim. Houve uma invasão de evangélicos em meu terreiro, quase enfarto. Tive que ir a uma delegacia, que não é um lugar muito bom para ninguém ir, mas tive que dar um passeio por lá. Graças a Deus achei apoio do deputado e dos meus irmãos de santo, lá de Camaçari. Estou indo agora para a última audiência, espero, porque é terrível. A gente fica ouvindo coisas que não devemos e não merecemos. No depoimento, ele dizia que queria me converter. Veja, eu dentro do meu terreiro e ele querendo me converter, por três vezes, um evangélico. Acho que, infelizmente, ele já está com aquela cabeça que todos nós já conhecemos.

Estou chegando ao final dessa etapa muito dolorosa e triste para mim. Chorei muito, sofri, mas todo lado ruim tem um lado bom em nossas vidas. Eu tive o lado bom da reflexão, de me fortalecer na fé, na luta. Em Camaçari luto muito junto com meus irmãos, sempre estou rente a eles. Mas a intolerância religiosa é muito triste, e eu senti na pele.



Não queremos ter intolerância, não precisamos ser tolerantes, mas temos de respeitar. Estou indo até o fim, mas não estou ganhando nada. Não existe recompensa, nem indenização, como as pessoas pensam. E não vale à pena. Queremos respeito. Na comunidade em que moro, em Areias, sofro muito com a intolerância, o preconceito religioso.

Lá, conversei com várias pessoas que me olham diferente, até porque só ando vestida assim, e disse que não quero dinheiro, não quis nada para reformar terreiro ou fazer nada, só quero ser respeitada. Tenho certeza de que, por ter levado isso até o fim, vou ter respeito, vou andar com meu rosto, a minha cara, o meu olhar para o céu, firme e forte.

Quis passar isso para vocês porque foi algo que aconteceu comigo, e só a gente passando é que sabe.

O deputado Bira Corôa, que no dia foi à minha casa, ficou até tarde comigo, me confortando, enxugando minhas lágrimas. Isso é que é amigo, que é ombro, que é colo. Ele é tão jovem quanto eu, mas considero ele como um pai, irmão, amigo, deputado, que sempre foi muito lutador pela nossa religião. (Palmas.)

Muito obrigada. Tenho que agradecer às mulheres guerreiras que somos. Vamos lá, vai ter uma época que acho que não vai ter Novembro Negro. Vai ter Novembro Branco, transparente, como uma alá de Oxalá e como as águas do rio doce de Oxum.

Muito obrigada. (Palmas.)

(Não foi revisto pela oradora.)



7717-III

Ses. Esp. 21/11/13

Or^a Creuza Maria Oliveira

Dia da Consciência Negra.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Com a palavra Creuza Maria Oliveira.

A Sr^a CREUZA MARIA OLIVEIRA:- Boa-tarde para todos!

Para mim é um prazer estar aqui. Quero agradecer ao deputado Bira Corôa. Quero saudar a Mesa, na pessoa da companheira Suely, companheira de tantas lutas, e, assim, quero saudar também a todas as mulheres deste Plenário. E os homens também, na pessoa do deputado Bira Corôa.

Eu já me senti tão contemplada por todas as falas, a fala da jovem baiana de acarajé, de Ana, de Suely, das duas irmãs, Yalorixás, que acabaram de falar. Uma delas colocou, aqui, a questão da intolerância. Só quem sofre intolerância, discriminação ou racismo, todo tipo de violência é que sabe o quanto dói na pele. Não só na pele, mas na carne e no coração. E até adoece. Quantas pessoas ficam doentes, pela questão da discriminação e de violências diversas pelas quais passaram.

Sou Creuza, hoje estou presidenta da Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas e faço parte de uma categoria de mulheres negras, neste Brasil, com cerca de 8 milhões de trabalhadoras que ainda vivem fazendo trabalho escravo. Muitas ainda isoladas, sem conhecer o direito de ter autoestima e de escolher uma profissão que queira, não que ela não pudesse ser trabalhadora doméstica. Mas que fosse um direito dela de escolher a profissão. Estamos há mais de 77 anos, quase 80, nessa luta começada por uma mulher negra mineira, D. Laudelina de Campos Melo, que também era do candomblé, militante de partido e estava à frente do seu tempo. Se hoje para nós mulheres negras estarmos nessa luta não é fácil, imaginem na década de 30 para ela, que inclusive fez parte da Frente Negra Brasileira. Então, essa luta não pode parar.

O deputado colocou aqui a questão da PEC. Nela tivemos uma vitória importante. Foi uma vitória em que houve entrevista em nível nacional do senador... Esqueci o nome do



presidente do Senado, mas ele colocou que a segunda Lei Áurea neste País tinha sido assinada e que a chave da senzala tinha sido jogada fora. Só que no mês de abril, na hora da regulamentação, o Sr. Romero Jucá foi lá e tornou a nos trancar na senzala, pegando de volta a chave que tinha sido jogada fora. E nós, na hora dessa regulamentação, ficamos numa situação pior do que antes. E muita gente que não sabe pensa que a gente conseguiu uma vitória e está tudo maravilhoso. Não está, gente! O que está para acontecer aí é a aprovação de um direito das trabalhadoras domésticas que não é direito, não tem equiparação nenhuma.

Estamos na luta para reverter isto que está acontecendo: Banco de Horas de 12 meses, multa pra ir para o bolso do patrão caso a doméstica tenha sido dispensada sem justa causa. E aí o que vai ter de patrão forjando justa causa não vai ser brincadeira! Empregada por tempo determinado, trabalhadora doméstica por tempo parcial. E aí a trabalhadora vai lá trabalhar por duas horas, depois vai sair pra dar uma voltinha na praça e voltar para cumprir mais duas. Depois sai pra dar mais outra voltinha na praça para depois cumprir outras duas horas, até chegar às 8 horas de trabalho. Isso é um absurdo! O vínculo a partir dos 3 dias, tudo isso não nos equipara.

Como o tempo já está esgotado, não dá para colocar muito. Quero dizer para vocês que valeu a luta de Zumbi dos Palmares, Luíza Mahin, Dandara e D. Laudelina.

Quero aproveitar pra fazer um convite para a audiência pública que acontecerá nesta Casa no dia 27 de novembro, às 9 horas da manhã, na Sala José Amando, promovida pela Comissão Direitos da Mulher, através da deputada Neusa Cadore, a sua presidente. É muito importante a presença de vocês. E vamos debater essa questão da PEC das Trabalhadoras Domésticas.

Muito obrigada, deputado Bira Corôa, por ter dado esta oportunidade a todas as mulheres e à nossa luta.

(Não foi revisto pela oradora.)



7718-III

Ses. Esp. 21/11/13

Or. Ailton Ferreira

Dia da Consciência Negra.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Nós é que agradecemos por essa luta pela consolidação das mulheres.

Quero neste momento passar a palavra a Ailton Ferreira para fazer uma saudação breve. E logo em seguida convidaremos Cida Black para fazer um ato de fechamento do nosso evento. E à medida que ela estiver fazendo a sua apresentação vou chamar todas as pessoas - não as trato como homenageadas - que nos homenagearam, através do *Facebook*, pela representação da luta e das atividades que desenvolvem em prol dessa sociedade em que todos nós acreditamos.

O Sr. AILTON FERREIRA:- Boa-tarde a todos.

Gostaria de cumprimentar a Mesa na pessoa do deputado Bira Corôa, tomar a bênção das ialorixás, as mães de santo que estão aqui presentes, cumprimentar as mulheres que estão neste evento e parabenizar o presidente desta sessão especial por mais esta iniciativa, mais uma dum parlamentar verdadeiramente comprometido com a nossa luta. Nestes anos todos que o conheço, nós podemos testemunhar que, antes ainda de ser deputado, Bira Corôa sempre se destacou na defesa do nosso povo e da nossa bandeira, mesmo sendo de Camaçari, sem ser deputado, já era nosso parceiro das lutas na cidade do Salvador. Portanto, é um deputado que merece o nosso respeito, atenção e amizade.

Na verdade, o secretário Almiro Sena foi representado aqui pelo chefe-de-gabinete Reginaldo Silva. Mas Bira, como é generoso, está aprendendo com as nossas mães-de-santo cada vez mais, está ficando danado, ele me pediu para fazer uma saudação.

Eu faço essa saudação a todas as mulheres presentes, agradecendo, vamos dizer assim, a minha centralidade de formação, que basicamente feminina. Os homens da minha família morreram muito cedo. Meu avô materno morreu aos 33 anos. O meu avô paterno, eu não o conheci, morreu em Cachoeira bem cedo. O meu pai morreu quando eu tinha 15 anos.



Então, a centralidade de minha formação é de muita mulher na minha vida. A minha avó Maria Argentina, Leleta, foi empregada doméstica no bairro da Graça, vendia pastel na Liberdade e foi responsável pela minha formação.

A minha mãe, Zulmira Ferreira, costureira, está viva aos 79 anos, ensinou-me a ética e a fazer a coisa certa. Dizia-me que se eu achasse 1 lápis na quadra de esporte, eu tinha que devolver na diretoria da escola. Se eu achasse qualquer coisa que não fosse minha, a pergunta era: “Você trabalha? Você comprou? É seu? Então, deixe lá”. “Mas eu achei na rua”. “Devolva!” E assim aprendi a ética muito antes de aprender com os partidos políticos e com a militância política mais progressista de que pude participar. Mas, ainda assim, essa influência foi muito interessante, muito presente e muito positiva.

Eu agradeço a essas mulheres. A minha tia Carmelinda está no céu e criou toda a família fazendo bolachinha de goma, aquela que você bota o garfo em cima. Ela fez o seu patrimônio dessa forma, e a a minha formação tem essa influência. Tenho ainda duas filhas mulheres, negras.

Acho fundamental esse registro, Bira Corôa neste plano e em outros planos. No plano do aprendizado, da criação na adversidade, quando não tinha plano de saúde, quando não tinha SUS, quando não tinha Bradesco ou Planserv, foram as nossas mães e avós que nos prepararam para a vida com mingau de cachorro, com mingau de carimã, com chá de alumã, de tapete de Oxalá, com banhos de folha, com água com cânfora para limpar as nossa feridas de sarampo e catapora, naquele tempo em que não tínhamos a medicina como hoje, e a saúde universalizada como temos hoje.

Essas mulheres guerreiras, que tinham a sabedoria de cortar as pernas das calças que serviriam para fazer as bermudas dos tios e dos mais velhos, e essas pernas das calças eram o nosso calção para ficarmos no dia a dia. Essas mulheres que faziam exercício de economia, doutoras em economia quando faziam as muquecas de mamão verde com chuchu e ovo para alimentar os filhos.



Essas mulheres que, com chupa-molho, acém, tinham a sabedoria de fazer a comida dar para todos e sobrar para o marido que chegaria depois. Essas mulheres que cuidavam da gente, carregando, às vezes, água para encher os tonéis para termos água para tomar banho.

Nós somos frutos dessa luta, somos filhos de uma colher de pau, todos nós somos descendentes de mulheres guerreiras, muitas dessas, doutoras invisibilizadas, que não são capas das revistas quando falamos de feminismo, quando falamos de emancipação.

Gosto do discurso de Lindinalva. Quando falamos de emancipação feminina, claro, aparecem mulheres importantes, como Marta Suplicy, Marina Colasanti, são intelectuais importantíssimas que levaram esse discurso adiante, mas esquecemos das mulheres que vendem tripa e que vendiam coisas na cabeça, e que fizeram doutores, que criaram e fizeram médicos, carregando as coisas que fazendo as coisas acontecerem.

Conseguimos passar essa etapa e, hoje, temos outras mulheres, como as que estão aqui, cumprindo outras tarefas, substituindo a colher de pau pela caneta, pela internet, pelo bisturi, pelo computador. São as nossas advogadas, as nossas médicas que precisam ser visibilizadas também.

Acho estranho, deputado Bira Corôa, que quando falamos do 20 de novembro, às vezes, a nossa mídia parece que tem uma cegueira e tende somente a mostrar o plano cultural ou no plano do exótico ou do folclórico. Às vezes, a mídia celebra o 20 de novembro e nos mostra somente em algumas atividades, não nos mostra em outras atividades, não mostra os juízes, as desembargadoras, os advogados, os professores, os doutores, não mostra Ana Célia da Silva, não mostra algumas mulheres que estão fazendo outros papéis. Então, fica parecendo que somos, todo o tempo, objeto da folclorização, do exótico, do interessante para ser fotografado.

Registro essa sessão como um esforço para nos dar visibilidade numa Casa que, historicamente, não foi feita para nós, num espaço que, historicamente, não foi feito para nós, pois sabemos todos que o Estado brasileiro não foi feito nem pensado para a negritude ou para as mulheres, muito menos para o povo de santo. Nós, que somos do candomblé, somos discriminados e tivemos a nossa cultura tratada pela elite como sendo algo de



segunda categoria. Quando o deputado traz isso para cá, chama a sociedade brasileira a não tratar os europeus como os que vieram para mandar, e nós todos como os que vieram somente para obedecer.

O deputado Bira Corôa coloca nos Anais desta Casa que estamos aqui também para dialogar, para debater, para comandar. Quem sabe se o o próximo governador ou governadora, prefeito ou prefeita, ou os próximos senadores não serão negros e negras?

Vamos avançar. Axé.

(Não foi revisto pelo orador.)



7719-III

Ses. Esp. 21/11/13

Or^a Cida Black

Dia da Consciência Negra.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Antes de Cida, quero comunicar que Maria Fátima Souza Santos perdeu uma carteira, que se encontra com o segurança André, no Salão Verde.

Cida, sua voz não poderia ficar de fora.

A Sr^a CIDA BLACK:- Boa-tarde, povo negro.

Cadê o rapaz? Dá para aumentar um pouco a minha voz, porque hoje eu estou sem a banda?

(Cida Black faz a apresentação musical.)

A Sr^a CIDA BLACK:- Essa é a homenagem que posso fazer ao Novembro Negro e à mulher negra.

Quero chamar as dançarinas. Jane é professora de dança e coreógrafa em Camaçari.

Bira, temos que brigar para invadir a Cidade do Saber para ter a dança afro. As salas estão vazias. A dança afro tem que entrar, sim, na sociedade, na comunidade. O povo negro deve estar em todos os espaços.

Quero dizer que o 20 de novembro foi feriado em São Paulo, não é tia Amélia, que está sempre me cobrando atualidades. Nós tivemos um Novembro Negro, mas aqui, na Bahia, não foi feriado. Temos que brigar para que o 20 de novembro seja feriado. Temos que ter a lei e que a mesma seja cobrada.

A Sr^a Amélia:- Ser feriado nacional.

A Sr^a CIDA BLACK:- Muito obrigada, tia Amélia, que é presidente da Associação dos Chagásicos de São Paulo e está abrindo uma Associação dos Portadores da Doença de Chagas em Arembepe.



Cadê Mel? Mel é porta-bandeira, como Bira citou, e está trazendo o seu trabalho para a Bahia.

Muito obrigada pelo convite para sambar no Rio de Janeiro e São Paulo no Carnaval.

Gostaria de cantar mais uma música.

(Apresentação musical.)

Cida Black, primeira mulher negra a gravar CD e DVD em Camaçari. Com toda ousadia, viu, gente?!

Governo branco e racista, mas chegarei lá e vou conseguir, com ajuda do deputado Bira Corôa e de todos vocês, povo negro. Peço que as pessoas mandem convite para o meu *Facebook* Cida Bispo, e compartilhem a foto da capa do CD, que é esta publicada pelo deputado Bira Corôa: uma mulher de amarelo amamentando o seu filho. O nome do meu CD é “Canta Mãe África”. Espero que todos me ajudem. Irmãos juntos e unidos!

Muito obrigada.

(Não foi revisto pela oradora.)



DL-03

Ses. Esp. 21/11/13

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Obrigado, Cida e as dançarinas.

Antes de concluir quero convidar Simone Santos, Altamira Simões, Ana, Luciana, Arany (ausente), Cida Bispo, Dilza de Jesus, Graça Onasilê, Iracema Neves, Rose Mafalda, Letícia Silva, Raidalva Souza, Sueli Santos, Lindinalva de Paula, Kiazala, Ana Torquato, Mãe Lia (ausente), Creuza e Raimunda para que possamos concluir a atividade de hoje entregando uma lembrança deste momento, reafirmando a importância de destacarmos a contribuição dada por mulheres de luta e de garra que fazem, na contemporaneidade, o que fizeram as mulheres da República de Palmares. Apesar da ação do Estado ao invadir os quilombos, especialmente o quilombo de Palmares com o corpo de Zumbi tombando, o espírito de luta não se apagou. Hoje, estas mulheres representam essa luta.

(Entrega das lembranças.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Agradeço, acima de tudo, a todas as mulheres que contribuíram com a imagem e com a sua própria história para a celebração do Novembro Negro e o Novembro da Consciência Negra, promovidas pela Comissão da Promoção da Igualdade desta Casa, que nos permitiu usar as imagens – muitas sem consulta – no nosso *Facebook*, mas que destacam e escrevem na história do nosso povo, páginas significativas de vivências e contribuições para as gerações futuras.

Agradeço a todas as protagonistas deste novo momento e as que ainda não foram, que se sintam também reconhecidas, pois também dão contribuições importantes para o momento que vivemos no Brasil e na Bahia.

Antes de encerrar, quero informar que no salão dos ex-presidentes teremos um coquetel. Todos e todas são convidados.

Em nome do Poder Legislativo da Bahia, agradeço as presenças das autoridades civis, militares e eclesiásticas, das senhoras e senhores, dos deputados e deputadas, da imprensa e declaro encerrada a presente sessão.